

RESENHA

FERRANTE, ELENA. *AS MARGENS E O DITADO: SOBRE OS PRAZERES DE LER E ESCREVER*. TRAD. DE MARCELLO LINO. RIO DE JANEIRO: INTRÍNSECA, 2023.

Por Adriana Silva Amorim*

O que cada curva, cada serifa, cada ângulo, cada traço, seja horizontal, vertical ou diagonal, que compõem uma letra carregam de sua tradição? Ao despendermos um esforço de encarar o estudo da Literatura de forma literal talvez seja possível vivenciar um encontro com aquilo que lemos e/ou escrevemos muito mais potente do que acontece quando nos atentamos apenas ao que poderíamos chamar de conteúdo formal da sentença, apresentado pela concretude e pela subjetividade dos símbolos gráficos que compõem as palavras. Isso significa dizer que mesmo a concretude da palavra manifestada em sua imagem escrita, a letra em si, é repleta de subjetividade, história e tradição. Não se trata aqui da letra enquanto palavra falada, quer seja a enunciação do nome ou do fonema pronunciado, mas da palavra deitada em papel. Além do conteúdo subjetivo, próprio da constituição do percurso histórico da letra, é possível, ainda, mencionar a performatividade de quem escreve, sobretudo no caso da letra manuscrita, já que o apertar das teclas do computador, ainda que também se configure como um ato performativo, não promove alterações ou distinções pessoais de quem digita, na forma da letra. A letra manuscrita, por meio da qual ainda se aprende a escrever, sela um vínculo histórico entre quem escreve e aquilo que se escreve.

Não é exatamente esse jogo radical de investigação formal que se propõe fazer Elena Ferrante em *As margens e o ditado: sobre os prazeres de ler e escrever*, lançado originalmente em 2021 como *I margini e il dettato*, traduzido para o Brasil por Marcello Lino e publicado pela editora Intrínseca, em 2023. Ainda assim, é possível especular que o eloquente título, imerso no virtuoso jogo de imagens produzido pela capa ilustrada por Andrea Ucini, tanto na edição original quanto na brasileira, nos conduza a uma nova relação entre o que compreendemos por leitura e escrita no cotidiano e a proposta conceitual muito mais especializada e refinada que emerge da obra de Ferrante.

Esse mais recente livro de ensaios da misteriosa Elena Ferrante realiza a façanha de, numa suposta contradição, desnudar a autora diante de nossos olhos. Digo contradição porque, entre os muitos assuntos que se comenta sobre sua trajetória, o mais recorrente talvez seja a ausência de sua imagem

* Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). Mestra e Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: asamorim@uesb.edu.br

pública ou mesmo de publicações de uma biografia de si, contendo nomes, dados, datas, fatos e parentescos que nos confortassem com uma ilusória sensação de conhecimento. Sem os dados enciclopédicos, porém, podemos nos ater aos detalhes de sua vida, distribuídos nas personagens complexas e, por que não, trágicas de seus nove romances, ou da relação com a cidade de Nápoles, exposta nas minuciosas descrições dos bairros, dos conflitos com o corpo, da experiência da maternidade e do encontro transformador com a literatura.

Organizado em quatro capítulos, além da nota da editora italiana, *As margens e o ditado* é a junção de três conferências proferidas em 2020 como parte do Eco Lectures, projeto do Centro Internazionale di Studi Umanistici Umberto Eco, idealizado pelo próprio Eco, na Universidade de Bolonha, no início deste século. Com a pandemia, apenas em 2021 a atriz Manuela Madracchia, em vestes da persona de Elena Ferrante, encenou a leitura dos três textos da autora no Teatro Arena del Sole de Bolonha. Por ordem de apresentação no livro, os textos são: “A caneta e a pena”, “Água Marinha” e “Histórias, eu.” A edição é finalizada com “A Costela de Dante”, fruto da conferência *Dante e altri Classici*, proferida por meio de leitura realizada pela crítica literária Tiziana de Rogatis, em abril de 2021, na Associazione degli Italianisti.

Em “A caneta e a pena” o leitor e a leitora são conduzidas pelas memórias da autora dos tempos de sua alfabetização, numa refinada e poética descrição dos menores e mais delicados gestos pessoais que compõem a escrita naquilo que ela tem de mais elementar: a ação da mão guiando a caneta sobre o papel. Descrevendo a geografia das folhas do caderno, os rastros deixados pela tinta e os sentimentos despertados por esse gesto, Ferrante nos confronta com o que há de mais fundamental em sua obra mais popular, a chamada Tetralogia Napolitana, composta pelos romances episódicos *A amiga genial* (*L'amica geniale*), lançado em 2011; *História do novo sobrenome* (*Storia del nuovo cognome*), de 2012; *História de Quem Foge e de Quem Fica* (*Storia di chi fugge e di chi resta*), de 2013; e *História da Menina Perdida* (*Storia della bambina perduta*), de 2014. A série napolitana é, certamente, um marco histórico na literatura ocidental. A experiência da alfabetização da criança, incluindo aí a imposição de limites externos e a conquista de pequenas liberdades, vai desembocar em duas Elenas escritoras: a Ferrante, persona, e a Greco, personagem.

A produção de Elena Ferrante pode ser acessada de diferentes formas, e aqui o termo “produção” deve ser levado ao mais alto grau de literalidade. É possível ler seus romances (num total de nove, sendo um deles infantil) e ter na leitura uma experiência altamente desafiadora. É possível, também, paralelamente à leitura de qualquer um de seus romances, refletir sobre a relação deles com a performatividade da persona da autora, estabelecida a partir da criação de um pseudônimo e, por conseguinte, da concretude de sua ausência nos meios públicos, pois, segundo Ferrante (*apud* SECCHES, 2020), “o único espaço em que o leitor deveria buscar o autor é em sua escrita”. Existe, ainda, uma terceira possibilidade, que é ler seus romances, acompanhar as teorias sobre sua identidade e adicionar a essas experiências um mergulho em seu processo criativo, descrito em três livros de ensaios, que reúnem

entrevistas concedidas por e-mail, correspondências por correio eletrônico com editoras e textos construídos especialmente para as publicações. São eles: *Frantumaglia: caminhos de uma Escritora (La Frantumaglia)*, de 2006; *L'invenzione occasionale*, de 2019 (não publicado no Brasil); além do próprio *As Margens e o Ditado (I margini e il dettato)*, de 2021.

Pela leitura de “A letra e a pena” compreendemos o que a autora deseja apresentar enquanto conceito e, sobretudo, enquanto imagem do que são as margens e do que é o ditado, sendo o primeiro uma imagem gráfica e o segundo uma ação performática que compreende a enunciação oral de uma palavra dita e sua transformação em códigos gráficos. É como se Ferrante necessitasse esmiuçar o ato literário, indo, com a mesma intensidade, nas profundezas do que compõe uma palavra, uma letra, e nas profundezas daquilo que vai construir uma escritora, no contraste apresentado por ela entre a prática literária exercida por mulheres e aquela produzida por homens ao longo da história.

No segundo capítulo, “Água marinha”, também altamente biográfico, a autora se dedica a investigar a relação entre a concretude de algo, seja objeto ou experiência, e seu conceito expresso por meio das palavras. Para tanto, ela se utiliza da imagem do anel de pedra água marinha no dedo de sua mãe e da distância que havia entre a concretude da pedra no dedo da mãe e amplitude de sensações que o termo “água marinha” evocava nela, por não se resumir à pedra do anel, mas a tudo o que as memórias daquela imagem causavam nela, já na infância. Segundo Ferrante, quanto mais aquela jovem escritora buscava radicalizar no realismo da descrição das coisas como elas são, mais ela se afastava da síntese precisa, tão almejada.

Já em “Histórias, eu”, terceira conferência da série que compõe o livro, a autora reflete sobre a relação entre as escritoras que vieram antes dela e sobre como elas aparecem em sua obra e em sua prática literária. No capítulo anterior, a autora já havia apresentado o exemplo de Lina e Lenu, protagonistas de *A amiga genial* (FERRANTE, 2015) e dos demais volumes da tetralogia, que têm suas vidas transformadas pela leitura, ainda na infância, do livro *Mulherzinhas*, (1868), de Louisa May Acott. Agora Ferrante radicaliza, pelas vias do debate literário, aquilo que extrapola essa área restrita e atinge tudo aquilo que diz respeito à experiência de ser mulher desde os primórdios. Daí o reduzido e eloquente título do capítulo. A história de uma literatura feminina e, portanto, da Literatura em si é composta de práticas de escritas de muitas “eus”. Ao mesmo tempo, cada eu escritora é composta pela história daquelas que vieram antes. A defesa de Ferrante de que mulheres leiam os clássicos da literatura, mas que leiam também escritas femininas, sejam elas canônicas ou vulgares, nos sugere a imagem de uma bruxa, líder de conjurações feministas que buscam emancipar a literatura produzida por mulheres, o que resultaria numa revolução na própria literatura e, concomitante, na sociedade e na História. Além da sua obra, é bastante conhecida a lista publicada em 2020, com vinte sugestões de títulos escritos por mulheres de várias partes do mundo. A lista, que inclui *A Paixão Segundo GH*, de 1964, escrito por Clarice Lispector, traz também *A ilha de Arturo (L'isola di Arturo)*, publicado em 1957, escrito por Elsa Morante, uma das maiores influências declaradas por Ferrante.

Com uma alteração abrupta no estilo e, em alguma medida, no conteúdo, já que aqui ela se dedica a reflexões sobre o escritor florenço Dante Alighieri, o quarto e último capítulo de *As margens e o ditado*, intitulado “Costela de Dante”, não faz parte da conferência que deu origem aos três textos anteriores. O título problematiza o mito cristão da criação de Eva a partir da costela de Adão e das mulheres criadas, não apenas enquanto personagens, mas também como futuras escritoras que tomam corpo a partir da obra de Dante. As reflexões de Ferrante sobre as leituras que fez da obra do escritor latino, em diferentes fases de sua vida, e com objetivos diversos a cada uma dessas leituras, revelam que o cerne de sua análise é a metalinguagem, figura de linguagem que lhe chamou atenção desde os primeiros contatos com a produção de Dante, visto que, para ela, a obra do autor é sobre a experiência da escrita. Deste modo, o livro se encerra costurando, com maestria, o círculo aberto lá nas primeiras páginas, quando tratava de sua experiência de escrita: a experiência concreta de pegar a caneta e o papel e dar-se a construir sentidos.

A consciência da complexidade da criação literária, expressa em forma de ensaios e, em *A Amiga Genial*, na forma de romance, fazem de Elena Ferrante a autora mais importante da literatura ocidental, não apenas por construir mulheres protagonistas fortes e contemporâneas em suas tramas, mas por tramar uma revolução feminina na literatura a partir do simples gesto de deitar sobre as margens da folha de papel aquilo que lhe tem ditado a história das mulheres, abrindo espaço, ela mesma, para aquilo que as mulheres podem ditar na história da literatura.

REFERÊNCIAS

FERRANTE, E. *A amiga genial: infância e adolescência*. Trad. de Maurício Santana Dias. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015.

SECCHES, F. V. do A. *Elena Ferrante: uma longa experiência de ausência*. São Paulo: Clarabóia, 2020.

Data de submissão: 11/07/2023
Data de aprovação: 16/07/2023

Copyright (c) 2023 politeia



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)